

A *Ethical Markets* tem o prazer de postar esta atualização mais recente do artigo ‘A pandemia COVID-19: uma análise sistêmica’, do estimado membro do Conselho Consultivo, o Dr. Fritjof Capra. Este artigo complementa o anterior, que cocriamos, intitulado ‘Pandemias – lições: olhando para trás de 2050’ (publicado em março e discutido em nosso webinar de dois de abril.) Entretanto, desde então, há novas informações contínuas, atualizações escritas que se expandem a partir dessas nossas perspectivas complementares! Nossa visão emergente vê a possibilidade de surgir um "momento de aprendizado", que abrirá novas possibilidades de construirmos um futuro mais sustentável para todos nós. Vemos várias versões de ‘Novos negócios verdes’, agora incrustadas em agendas políticas e populares, nos EUA, e cerca de 130 países. Vamos continuar trabalhando e pressionando pela emergência desse futuro positivo, fundamentado nos objetivos práticos da ONU de Desenvolvimento Sustentável (SDGs) alcançáveis até 2030.

Hazel Henderson,  
editor

## A PANDEMIA COVID-19: UMA ANÁLISE SISTÊMICA

Fritjof Capra<sup>1</sup>

(tradução: Siddharth Bora)

O coronavírus provocou perturbações maciças em nossas vidas diárias, e seus impactos provavelmente levarão a transformações políticas e sociais históricas. Eu gostaria de apresentar uma análise sistêmica da crise COVID-19, que mostra como todos os aspectos e as dimensões da crise estão inter-relacionados. Em um ensaio que escrevi com Hazel Henderson (<http://www.fritjofcapra.net/pandemics-lessons-looking-back-from-2050/>), apresentamos uma análise sistêmica em forma de um cenário futurista positivo. Aqui, gostaria apenas de resumir as ideias-chave subjacentes a esse cenário.

O Covid-19 deve ser visto como uma resposta biológica de Gaia, nosso planeta vivo, à emergência ecológica e social que a humanidade trouxe sobre si mesma. Surgiu de um desequilíbrio ecológico e tem consequências dramáticas devido aos desequilíbrios sociais e econômicos.

Nas últimas décadas do Século XX, a humanidade excedeu a capacidade de carga da Terra (o número de pessoas que a biosfera pode sustentar sem degradação ambiental). A população mundial cresceu para 7,8 bilhões, e a obsessão irracional de nossos líderes políticos e corporativos pelo crescimento econômico e corporativo perpétuo gerou uma crise existencial multifacetada, que vem ameaçando a própria sobrevivência da humanidade.

---

<sup>1</sup> Texto traduzido com a permissão do autor

Cientistas e ativistas ambientais vêm alertando sobre as terríveis consequências de nossos sistemas sociais, econômicos e políticos insustentáveis há décadas, mas, até agora, nossos líderes corporativos e políticos, incapazes de quebrar sua intoxicação por lucros financeiros e poder político, resistiram obstinadamente a esses avisos e concentraram sua atenção nas flutuações políticas e econômicas de curto prazo. Eles desconsideraram as consequências catastróficas iminentes em longo prazo. Agora, nossas elites políticas e financeiras são forçadas a prestar atenção, pois o COVID-19 levou os avisos anteriores em tempo real, com o número de mortos em todo o mundo aumentando a cada dia.

O corte nítido de grandes áreas da floresta tropical por empresas multinacionais de alimentos, visando, incansavelmente, ao crescimento e aos lucros excessivos, e invasões maciças em outros ecossistemas ao redor do mundo, impulsionados pela mesma motivação, fragmentaram esses sistemas autorreguladores e fraturaram a teia da vida. Uma das muitas consequências dessas ações destrutivas foi que os vírus, que viviam em simbiose com certas espécies de animais, saltaram dessas espécies para outras e para os seres humanos, onde eram altamente tóxicos ou mortais.

Na década de 1960, um vírus obscuro saltou de uma espécie rara de macacos, mortos como ‘carne de mato’, na África Ocidental, para humanos. A partir daí, espalhou-se pelos Estados Unidos, onde foi identificado como o vírus HIV e causou a epidemia de Aids, matando cerca de 39 milhões de pessoas em todo o mundo ao longo de quatro décadas. Da mesma forma, o coronavírus saltou de uma espécie de morcego para o homem, na China, e, a partir daí, espalhou-se rapidamente pelo mundo.

A densidade populacional é a variável-chave para disseminar o COVID-19 e, geralmente, resulta da maximização excessiva do lucro - seja em navios de cruzeiro gigantes e em outras formas de turismo de massa, em reuniões superlotadas em grandes arenas para esportes e outras formas de entretenimento, em gigantescos supermercados e lojas de departamento ou em situações de aglomeração de pessoas causadas pela desigualdade social e econômica. A ecologia nos ensinou que maximizar qualquer variável única conduzirá invariavelmente ao estresse e à vulnerabilidade do sistema como um todo. Em épocas anteriores, essas condições sociais e culturais vulneráveis eram, geralmente, ocultadas pela mídia corporativa. Mas agora, o coronavírus, que não conhece fronteiras sociais ou culturais, abriu-as. A biologia supera a política e a economia.

O papel da justiça social, durante uma pandemia, é particularmente interessante. Em tempos normais, os ricos são relativamente isolados dos pobres. Eles moram em seus próprios bairros, têm escolas, hospitais, restaurantes, clubes etc. O destino dos pobres não os afeta muito.

Durante uma pandemia como a do COVID-19, a situação muda drasticamente. Como o vírus não conhece fronteiras sociais, o destino dos pobres não pode mais ser separado do dos ricos. Por causa das condições de vida lotadas, falta de acesso à água potável e - especialmente nos Estados Unidos - assistência médica e proteção social

inadequadas, os pobres são muito mais suscetíveis a serem infectados. Cedo ou tarde, eles também infectarão os ricos porque, embora as duas classes sejam separadas socialmente, biologicamente elas não o são.

Existem inúmeros contatos físicos entre os ricos e seus assistentes pessoais - motoristas, serviços de entrega, equipe de limpeza e manutenção, etc. Por meio desses contatos físicos, o vírus se propaga e infecta as pessoas, independentemente de sua classe social. Portanto, durante uma pandemia, a justiça social não é mais uma questão política de esquerda versus direita, mas uma questão de vida e morte. Para impedir a propagação de pandemias - agora e no futuro - será essencial melhorar as condições de vida dos pobres. De maneira mais geral, o comportamento ético - para o bem comum - passou a ser uma questão de vida e morte durante uma pandemia, porque uma pandemia como a COVID-19 só pode ser superada com ações coletivas e cooperativas.

Considerações semelhantes se aplicam ao crescimento da população mundial. Os demógrafos sabem, há muito tempo, que os meios mais eficazes para conter o crescimento populacional consistem em educar as meninas e melhorar o papel e o status das mulheres em todo o mundo - garantindo seu acesso ao poder econômico e político e salvaguardando seus direitos reprodutivos. Mais uma vez, vemos que a justiça social anda de mãos dadas com o equilíbrio ecológico.

Quando a pandemia se espalhou pelo mundo em março de 2020, um país após o outro foi fechado, com apenas os serviços essenciais abertos e a maioria das pessoas confinadas em suas casas. Como consequência, o transporte de pessoas e de bens foi radicalmente reduzido, as cadeias de suprimentos foram interrompidas, as empresas fecharam, o mercado de ações entrou em colapso, e o desemprego aumentou. A pandemia exponencialmente crescente andou de mãos dadas com uma crise econômica mundial exponencialmente crescente.

Ambas as crises levaram a consequências trágicas generalizadas para os indivíduos e as comunidades em todo o mundo. No entanto, de uma perspectiva ecológica planetária, também houve muitas consequências positivas. À medida que o tráfego de automóveis e as atividades industriais diminuíram drasticamente, a poluição das principais cidades do mundo desapareceu repentinamente, e estamos novamente desfrutando de céu e ar limpos. Nas praias do Brasil, tartarugas marinhas, antes em perigo de extinção, agora estão nascendo em um ambiente livre de estresse, imperturbável pelos turistas.

Como navios de cruzeiro gigantes não entram mais na lagoa veneziana e outros turistas ficam em casa, os canais de Veneza se tornam tão claros que os peixes podem ser vistos novamente. Na Índia, os moradores de Punjab agora podem desfrutar de uma vista deslumbrante dos cumes do Himalaia, a 200 km, que eles não viam há 30 anos. Além disso, o coronavírus já foi mais eficaz na redução das emissões de CO<sub>2</sub> e na desaceleração do clima do que todas as iniciativas políticas do mundo juntas.

Isso não significa que queremos continuar na situação atual. Mas a resposta mundial ao COVID-19 nos mostrou o que é possível quando as pessoas percebem que suas vidas estão em risco – individualmente, durante a pandemia, e para a civilização como um todo, na emergência climática. Sabemos agora que o mundo é capaz de responder, com urgência e coerência, quando a vontade política é despertada.

Com o COVID-19, Gaia nos apresentou lições valiosas e que salvam vidas. A questão é: a humanidade seguirá essas lições? Mudaremos do crescimento econômico extrativista e não diferenciado para o crescimento regenerativo e qualitativo? Substituiremos combustíveis fósseis por formas renováveis de energia para todas as nossas necessidades energéticas?

Vamos parar o turismo em massa excessivo, ao invés de revitalizar as comunidades locais? Substituiremos nosso sistema centralizado e intensivo de energia da agricultura industrial pela agricultura orgânica comunitária regenerativa? Vamos plantar bilhões de árvores para extrair CO<sub>2</sub> da atmosfera e restaurar os ecossistemas do mundo, para que os vírus perigosos para os seres humanos sejam confinados novamente a outras espécies animais onde não causam danos? Temos o conhecimento e as tecnologias para embarcar em todas essas iniciativas. Teremos vontade política? "*A resposta, meu amigo, está soprando no vento*" (Bob Dylan, 1976).

No entanto, o que já vemos é que as políticas sociais correspondentes, que eram impensáveis apenas alguns meses atrás, agora estão sendo discutidas seriamente em vários países. Por exemplo, a Dinamarca planeja pagar 75% dos salários perdidos por funcionários de empresas privadas para ajudá-los na crise. O Reino Unido, da mesma forma, planeja cobrir 80% dos salários. Nos Estados Unidos, a ideia de uma renda básica universal, há muito considerada uma marginal, agora é discutida até pelos políticos republicanos. A Espanha está nacionalizando seus hospitais particulares. A Califórnia está alugando hotéis para abrigar pessoas sem-teto durante a pandemia. A *New Deal Verde* já está endossada por alguns candidatos do partido democrata nos EUA e está sendo discutida na mídia convencional como um programa de recuperação econômica.

Se pudermos catalisar a liderança global para continuar essas políticas sociais, adicionando a elas políticas que respeitem e cooperem com a capacidade inerente da natureza de sustentar a vida, poderemos não só superar a pandemia do COVID-19, como também estabilizar a população mundial e o clima, alimentar as comunidades locais e restaurar os ecossistemas da Terra.

Podemos ver que as concentrações de CO<sub>2</sub> na atmosfera retornam ao nível seguro de 350 partículas por milhão e as catástrofes climáticas se tornarem raras, como aconteceu em séculos anteriores. Os historiadores dirão que, em 2020, embora o COVID-19 tenha causado consequências trágicas generalizadas para incontáveis indivíduos e comunidades, em longo prazo, pode ter salvo a humanidade e grande parte da comunidade planetária da extinção.